

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
8 e 17 de Novembro de 2023

LA VOIX DE SON MAÎTRE / 1978

um filme de Nicolas Philibert e Gérard Mordillat

Realização: Nicolas Philibert e Gérard Mordillat / Câmara: François Catonné, Gilbert Duhalde, Jean Monsigny, Jean-Paul Schwartz, e ocasionalmente Jean Achache, Yves Agostini, Daniel Barrau, Renato Berta, Arthur Cloquet, Eric Dumage, Dominique Fondacci, François Lartigue, Yvon Marciano, Dominique Mazuet, François Plegades, Yves Pouffary, Jean-Henri Roger, Alain Thiollet, Anne Trigaux/ Som: Yves Allard, Pierre Befve, Robert Boner, Titou Charrière, Auguste Galli, Pierre Gamet, Michel Kharat, Luc Yersin, Richard Zolfo / Montagem: Charlotte Boisgeol.

Produção: Institut National de l'Audiovisuel - Laura Productions / Produtores: Thierry Garrel, Louissette Neil / Cópia: digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 96 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

La Voix de Son Maître foi o primeiro filme realizado por Nicolas Philibert, que tinha 27 anos e passara os anos anteriores a aprender como assistente de realizadores como René Allio, Alain Tanner ou Claude Goretta. Teve como parceiro de aventura e co-realizador Gérard Mordillat, mais ou menos da mesma idade, e que depois se tornou conhecido sobretudo no domínio literário, como romancista e ensaísta. Não foi uma estreia que tenha passado sem marca, e o filme foi mesmo objecto de um pequeno escândalo pouco tempo depois, quando uma prevista exibição televisiva foi cancelada por ordem directa do governo francês, então dirigido por Raymond Barre.

Que tinha o filme para incomodar tanto o poder? Ora bem, o filme, na sua aparente e efectiva simplicidade, é como uma teia de aranha tecida para apanhar moscas. E as moscas, passe a expressão, são alguns dos maiores representantes do poder económico em França, naquela segunda metade dos anos 70. Gerentes, proprietários, directores-gerais, CEOs, de algumas das maiores empresas ou conglomerados de empresas no panorama francês da altura, da L'Oréal à ELF, do banco Paribas ao Club Méd, etc. São eles as moscas, perdão, os "actores", as vedetas, do filme de Philibert e Mordillat, que lhes dão o palco todo, em longos depoimentos filmados em longos planos fixos, normalmente enquadrados (rigorosamente enquadrados) nos seus gabinetes, quase como (e isto é a primeira perversidade dos realizadores) se estivessem a sentar perante as câmaras de um filme de publicidade institucional. Tudo está feito para que eles projectem a melhor imagem de si próprios, nem custa pôr a hipótese de os deponentes terem tido uma palavra a dizer sobre os pormenores do enquadramento em que foram filmados. Depois, segunda perversidade de Philibert e Mordillat, eles são deixados, por assim dizer, à solta: nenhum comentário, nenhuma intervenção, muito menos alguma espécie de contraditório. Os microfones, tal como os planos, são todos deles, e isto cria o ambiente propício para que, em longos monólogos (e nota-se que é gente que gosta bastante de se ouvir), nos ofereçam as suas ideias e teorias sobre a economia, a vida das empresas, as relações laborais, etc.

Nunca, aparentemente, alguém diz alguma coisa para “impressionar”, ou se refugia na “langue de bois”; a candura parece absoluta, esta gente acredita mesmo nas coisas que está a dizer, e parece radiante por lhes estarem a oferecer uma possibilidade de as dizer publicamente, sem lhes passar pela cabeça que as coisas que estão a dizer são uma auto-condenação, também publicamente – como aquele que diz algo como “as grandes empresas precisam de viver dentro de uma estrutura de poder monárquica”. É a grande perversidade do filme, soma das pequenas perversidades com que foi construído: ser uma espécie de *quod erat demonstrandum* da tendência autoritária, proto-fascista, dos “donos disto tudo”, para usar uma expressão que fez recentemente escola em Portugal. Tanto veneno se larga que se torna o seu próprio antídoto, tanto e tão seriamente fala tanto homem do dinheiro que é toda a classe dos “homens do dinheiro” que é coberta por um ridículo sinistra – e Philibert e Mordillat não têm que acrescentar nada, para além de um ligeiro comentário, na forma das imagens das instalações das empresas, com aquele aspecto de modernidade asséptica, quase como de um filme de “fc”, ou alguns trechos com imagens da actividade de trabalhadores industriais, que lembram certas coisas do Grupo Dziga Vertov (um dos operadores de câmara creditados, já agora, é Jean-Henri Roger, que foi com Godard e Gorin um outro importante membro desse Grupo). E as imagens dos depoimentos do próprio filme feitas “filme no filme”, vistas e multiplicadas em écrans de televisão, como sugestão sub-reptícia de que este título se refere à televisão, que é ela “a voz do seu dono”.

Luís Miguel Oliveira